

LIMA, João Gabriel de — *Instrumentos musicais brasileiros*. (Coord. Ricardo Ohtake) São Paulo, Estúdio RO, 1988. (Projeto Cultural Rhodia 215p. Distribuição limitada).

Sendo o Brasil um país conhecido pela musicalidade de seu povo, é de se estranhar que a Organologia, ciência que se dedica ao estudo dos instrumentos sonoros do homem, inexista. *Instrumentos musicais brasileiros*, no entanto, mostra belas fotos, feitas caprichosamente por Romulo Fialdini. O livro, aliás, edição luxuosa, tem acabamento perfeito, é fartamente ilustrado e possui fichas técnicas completas.

O volume foi organizado em quatro capítulos: ao Prefácio segue-se "Os sons da floresta", focalizando os instrumentos indígenas, "Com as próprias mãos", ressaltando o artesanato, "Os craques do asfalto", abordando o samba, o choro, e o forró, e "A magia dos inventores", dedicado a Villa-Lobos, Walter Smetak e Marco Antonio Guimarães.

Desde o início da obra está claro que organologicamente ela acrescenta quase nada ao estudo da música popular brasileira. Os organizadores da edição não tiveram acesso a noções básicas e fundamentais para a ordenação do material. Assim, no item, "No ritmo dos pulmões", vem: "*Uma flauta começa, na verdade, nos pulmões de quem toca*". (p. 26). Ocorre que os pulmões do instrumentista nada têm a ver com a fatura do que ele toca. Ou ainda, na legenda de dois instrumentos dos tukurina: "*Instrumento de sopro e percussão tukurina*". Trata-se de dois instrumentos construídos por princípios muito diversos, um idiofone e um aerofone, que têm em comum simplesmente o fato de serem tocados simultaneamente pela mesma pessoa.

No capítulo seguinte, dedicado à construção de instrumentos, "Sacudindo a capoeira", o berimbau foi escolhido como peça exemplar de estudo. O texto que descreve sua execução incorre, entretanto, em erro grave: "*Com o (dedo) médio e o anular o músico apóia o arco, enquanto com o polegar e o indicador ele segura o dobrão — moeda com a qual se tocam as notas musicais no instrumento*" (p. 52). Mas, no caso, a moeda funciona como um artefato para alterar a altura do som que, na verdade, é obtido pela percussão da corda tensa — por isso o berimbau é um cordofone — com uma vareta.

Talvez a coordenação do volume tenha optado deliberadamente por não apresentar os instrumentos reunidos em seus cinco grupos, forma clássica de um álbum do gênero, ou seja, idiofones, membrânofones, cordofones, aerofones e eletrofones. Isto é compreensível, por exemplo, no penúltimo capítulo, no qual a disposição das fotos obedece aos agrupamentos de formas musicais específicas. Porém, as rabeças são incompreensíveis entre os instrumentos do primeiro capítulo. A penúltima parte foi prejudicada pela inclusão de uma flauta

transversal "de fabricação francesa", e uma clarineta marca Selmer, ambos das orquestras de choros. Embora Okky de Souza justifique estas inclusões no Prefácio, as fotos individuais destes dois instrumentos eram dispensáveis, visando à coerência do título do livro.

Já o último capítulo, homenagem a três músicos que inventaram instrumentos musicais, não tem sentido dentro de uma obra que mostra a produção de utensílios que se solidificaram em nossa cultura pelos seus vastos empregos na música popular brasileira. Villa-Lobos não inventou um reco-reco para seu *Noneto*, simplesmente substituiu a vareta empregada normalmente para a fricção por uma peça de madeira. O tambu-tambi, criação do compositor carioca para seu *Choro nº 6*, não passou de excentricidade do maestro que indicou, na partitura, o emprego de tímpanos no lugar da engenhoca. Ele provavelmente se deu conta que, para um instrumento ser considerado como tal, importa que seja reproduzido e incorporado pela sociedade que se encarrega de ensiná-lo e transmiti-lo às outras gerações. A crítica vale para a inclusão das peças de Walter Smetak, bellssimas esculturas musicais, e às maquinarias de Marco Antonio Guimarães. Sua flauta Uatki são sete flautas-doce unidas e, conquanto não possam ser tocadas simultaneamente, são, efetivamente, sete instrumentos musicais iguais em um só bloco.

Ainda vale uma ressalva importante. Nos créditos dos instrumentos do acervo da Discoteca Pública Municipal, hoje Discoteca Oneyda Alvarenga do Centro Cultural São Paulo, o nome de Mário de Andrade aparece erroneamente como coletor dos objetos. Esta foi, na verdade, tarefa de Luís Saia e Martin Braunwieser, membros da Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura que visitaram, em 1938, o norte e o nordeste do Brasil. O engano é devido talvez ao fato de ter sido Mário de Andrade o idealizador da expedição.

*Instrumentos musicais brasileiros* resiste como um livro de fotos dedicado aos nossos instrumentos sonoros. Finalmente, leigos e especialistas podem visualizar a variedade do arsenal que ajuda a construir a nossa música.

Flávia Camargo Toni